

Pioram as relações de Collor com os congressistas, empresários, trabalhadores e militares e aprofunda-se o seu isolamento. Veja o que os políticos estão dizendo dele.

# Isolado, governo perde apoio no Congresso.

“Ir ao Planalto fazer o quê? Eu não tenho nada a fazer no Palácio”, respondeu, na semana passada, o presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro, da janela de seu gabinete, olhando para o Palácio do Planalto, do outro lado da Praça dos Três Poderes. “Esse presidente, por acaso, tem uma proposta de entendimento?”, perguntou ele para explicar a inexistência de diálogo com o governo.

Um dia antes, Ibsen foi a uma reunião com o ministro da Infra-Estrutura, João Santana, dirigentes da Rede Globo e expressões políticas como os presidentes do PSDB e do PMDB mais os governadores de São Paulo e do Ceará, para discutir saídas para a crise. Na quinta, em sua casa, Ibsen retomou o assunto com os deputados José Genoíno e Aloysio Mercadante (PT); José Serra e Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Os mais severos críticos do governo, chegaram a se oferecer para ajudar o presidente. Tasso Jereissati (PSDB) e Orestes Quêrcia (PMDB), que juntos comandam uma bancada de 152 deputados e 36 senadores (32% dos congressistas) cogitaram de uma aliança que facilitaria as negociações de matérias importantes que se encontram no Congresso. Mas o Planalto não deu retorno. “Ele prefere o Brizola”, critica Alberto

Goldman (PMDB), referindo-se ao líder dos 44 deputados pedetistas na Câmara.

Desde que assumiu a Presidência, Collor notabilizou-se pela ousadia com que lança seus programas de reformas. Foi assim com a reforma do Estado; com o *Projetão*, que virou *Emendão* e depois *emendinha* e que agora parece esquecido no Congresso; com a reforma da Previdência e a revisão do sistema tributário. “É preciso ter coragem para fazer as reformas, mas o presidente sempre recua”, diz o governador do Ceará, Ciro Gomes. No Congresso, as coisas não são diferentes, segundo o deputado-economista César Maia (PMDB-RJ): “O presidente se acha responsável pela solução dos problemas até enviar o projeto de lei, quando na verdade o importante é assegurar sua aprovação no Congresso. Fazer projetos é fácil, o difícil é negociar no Congresso”. O líder do PSDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso faz sua análise: “O presidente é um bom comunicador de massas mas não sabe falar com as elites”.

Mantidas as promessas feitas pelos congressistas enfurecidos com a atuação de Collor durante o processo de votação da proposta de antecipação do plebiscito as relações do Planalto com o Legislativo devem piorar.



Collor visita porta-aviões Minas Gerais